

## As múltiplas consequências do ataque do Hamas a Israel

*Irá o ataque do Hamas inverter as transformações geopolíticas em curso no Médio Oriente que, apesar da ameaça iraniana (ou por causa dela), acabavam por favorecer também o Estado hebraico?*

**José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 14 de Outubro de 2023,**

1. Agora que os contornos dos acontecimentos de 7 de Outubro são mais claros, emerge, de forma consistente, que as horríveis mortes e destruição infligidas pelo Hamas a Israel vão desencadear uma espiral de consequências. Os efeitos vão sentir-se em Israel, na Palestina, na geopolítica do Médio Oriente e para além desta. No caso de Israel, vai afectar o futuro do seu sistema partidário, o destino político de Benjamin Netanyahu e dos seus aliados da (extrema) direita religiosa no governo, bem como a forma como o Estado de Israel é percebido no Médio Oriente.

Será visto como continuando a ser detentor de um grande poder militar, o que o torna útil nas rivalidades da região, apesar do profundo incómodo que gera nas identidades e na opinião pública árabe-islâmica? Ou será visto como um Estado ao qual se deve continuar a recusar legitimidade política, bem mais frágil do que aparenta, podendo ser erradicado por acções político-militares? Quanto à Palestina, o ataque de 7 de Outubro vai mostrar se o Hamas irá dominar a causa palestiniana como ambiciona, erodindo, ainda mais, a posição da Fatah de Mahmoud Abbas e da Autoridade Palestiniana na Cisjordânia, ou se vai ser eliminado dos territórios palestinianos (Gaza), como ameaça fazer Israel. Para além disso, irá evidenciar ainda se atingirá o seu objectivo externo de, sob a sua primazia, recolocar o problema da Palestina na agenda política internacional.

2. Nos últimos anos, a perda de relevância internacional da causa palestiniana ocorreu a par de uma melhoria substancial da posição geopolítica de Israel. Nada disto se explica por uma solução justa e equilibrada para o problema palestiniano, pois o conflito perpetua-se insolúvel no tempo. É uma constante desde o plano das Nações Unidas de 1947 de partilha da Palestina, num território anteriormente sob mandato britânico atribuído pela Sociedade das Nações (SdN).

Mas o que fez, então, mudar a geopolítica do Médio Oriente? A resposta passa por uma sucessão de acontecimentos, que vão desde a invasão norte-americana do Iraque às guerras civis na Síria e no Líbano. Como resultado, desequilibraram a lógica de poder até aí existente, sendo a mais delicada a relação de forças entre árabes sunitas e persas xiitas e seus aliados. Os Estados árabes sunitas da região, dos quais o mais importante é a Arábia Saudita, passaram a sentir-se ameaçados pela crescente influência do xiismo. E o xiismo leva inevitavelmente ao Irão, o grande Estado persa e xiita.

Não se trata de meras querelas teológicas em sociedades seculares e democráticas-liberais, mas de violentas lutas de poder em sociedades tradicionalistas, onde o religioso é também a fonte de legitimidade do poder político. A chegada ao poder de partidos

xiitas no Iraque (consequência do derrube do governo sunita de Saddam Hussein pelos EUA); a intervenção do Irão e dos seus aliados xiitas do Líbano (o Hezbollah) na guerra da Síria, ajudando a manter Bashar al-Assad no governo; e a rebelião houthi no Iémen, ameaçando transformar esse país, que tem uma longa fronteira com a Arábia Saudita, em novo aliado do Irão. Tudo isso provocou ondas de choque no Médio Oriente. Foram ainda amplificadas pelos avanços do programa nuclear do Irão, vistos como um caminho para este se afirmar como potência hegemónica.

**3.** Para os tradicionais aliados árabes dos EUA na região, a política norte-americana dos últimos 15 ou 20 anos para o Médio Oriente foi uma sucessão de episódios irritantes. Aos olhos dos seus aliados árabes, os EUA, com as suas fantasias de levar a democracia e direitos humanos à região — e acusações infundadas de um programa nuclear e armas de destruição em massa que Saddam Hussein não tinha —, colocaram o poder no Iraque nos xiitas pró-iranianos. Como se não bastasse, os EUA fizeram um acordo sobre o programa nuclear do Irão (mais tarde denunciado) visto como favorecendo-o. Pior ainda, não intervieram na Síria para derrubar Bashar al-Assad, nem no Iémen para deter os rebeldes houthi. Foram estes medos árabes e uma crescente desconfiança face aos EUA como aliado que favoreceram Israel.

Importa reiterar: o impulsionador maior desta transformação geopolítica foi o poder e influência do Irão e a sua ambição nuclear, mal-aceite pelos seus rivais árabes. Para além de abrir espaço a outras grandes potências como a Rússia e a China, que aumentaram a influência no Médio Oriente, acabou por gerar um realinhamento de interesses de conveniência entre diversos países árabes (uma grande excepção é o Qatar, politicamente próximo do Irão) e Israel, sendo este último visado como inimigo mortal pelo Irão. Resultado: a lógica do “inimigo do meu inimigo é meu amigo” instalou-se no complexo *puzzle* geopolítico do Médio Oriente.

**4.** Irá o ataque do  [Hamas](#)  inverter as transformações geopolíticas em curso no Médio Oriente que, apesar da ameaça iraniana (ou por causa dela), acabavam por favorecer também o Estado hebraico? Esta é uma questão maior. Leva a uma outra interrogação crucial sobre o que aconteceu, bem como sobre o que poderá acontecer a seguir: o ataque foi apenas uma iniciativa do Hamas devido ao sofrimento e humilhações infligidos aos palestinianos e em defesa da mesquita de Al-Aqsa, como este sustenta? Ou foi mais do que isso, algo preparado e coordenado também com o Irão? Neste segundo caso, provavelmente o Irão teria de ter algum tipo de resposta militar, e o risco é poder desencadear uma perigosa guerra regional.

Paralelamente, desencadearia uma segunda vaga de choques energéticos, acentuando o já provocado pela Rússia. Independentemente do que possa ter sido a participação iraniana no ataque do Hamas — e até agora não há dados sólidos que confirmem um envolvimento directo —, objectivamente o Irão é um vencedor, pelos efeitos políticos (e nos mercados energéticos) que o ataque já provocou. Para os Estados árabes tentados a reconhecer Israel numa lógica transaccional, negociada na sombra com Israel e o governo norte-americano — o qual fez uma viragem radical nas suas críticas à violação dos direitos humanos e à falta de democracia na Arábia Saudita —, o explodir

da questão da Palestina é muito delicado. Coloca-os expostos a uma opinião pública fortemente pró-palestiniana que não podem ignorar, sob pena de erodirem a sua aceitação interna como governantes. No meio da asfixia que a população de Gaza vai sofrer devido à retaliação sobre o Hamas, ninguém imagina possível um Estado árabe anunciar que chegou o momento de aproximação a Israel.

5. Por último, num Estado habituado a deter as ameaças dos inimigos, ou a vencê-las de forma contundente, a resposta aos ataques de 7 de Outubro é altamente problemática. Por princípio, tal como determina o Direito Internacional Humanitário, deveria ser proporcional, cessando em pouco tempo as operações militares e abrindo-se uma negociação sobre os reféns. Mas os sinais vão num sentido diferente. As bárbaras mortes e sofrimento de civis, numa dimensão sem precedentes para Israel, e as sérias vulnerabilidades defensivas que o Hamas mostrou vão levar o Governo de Benjamin Netanyahu a uma brutal demonstração de força militar.

Num território exíguo e densamente povoado como é [Gaza](#), isso provocará uma grave crise humanitária, não apenas perdas ao Hamas. O Hamas mistura-se com civis e espera que o seu sofrimento traga benefícios políticos, pela profunda comoção da opinião pública e uma sublevação em Jerusalém e na Cisjordânia. Neste contexto, uma resposta contida, proporcional e respeitadora do Direito Internacional Humanitário enfrenta um conhecido problema estratégico: aos olhos do inimigo parece uma fraqueza, não uma preocupação moral-legal e um sinal de saída política. Mas a asfixia energética e de bens de subsistência a Gaza, combinada com o uso de uma força militar avassaladora, vai levar Israel a ser percebido como um agressor sem humanidade.

Em qualquer dos casos, pelo menos no imediato, o resultado será travar a lógica geopolítica anterior que favorecia Israel. Assim, o Hamas vai poder reclamar vitória, excepto se for afastado de Gaza, deixando de ter poder efectivo sobre a Palestina. Mas provavelmente isso não é um objectivo possível em termos políticos, pelos enormes sofrimentos que uma acção militar dessa envergadura provocará aos palestinianos, aos quais o mundo não pode ficar indiferente.